Os artistas do farol

Por Gislaine Buosi

O chapéu gasto deixava o sol do meio-dia queimar os braços musculosos do malabarista do farol. Diego, há tempos equilibrava não apenas bolas e bastões no ar, como também as dificuldades da vida. Quando o farol fechava, era seu momento de brilhar. Em 90 segundos, transformava o asfalto em palco, dançando entre carros, cujos motoristas, a maior parte deles, ignoravam o espetáculo.

O asfalto ainda estava úmido, quando, certo dia, enquanto jogava os bastões para o alto, Diego topou com a janela de um carro de luxo aberta, através da qual uma menina observava o malabarista. “Você é incrível!”, foi o que ela disse, no instante em que, o farol prestes a abrir, a mãe dava a Diego uns trocados. Mais tarde, suado, Diego contava as moedas – não fazia grande soma, contudo era suficiente para levar pão e leite aos filhos.

No farol da outra esquina, Suzy também fazia seu espetáculo – menos empolgante, os bastões não subiam tanto. Suzy era moça franzina que, às escondidas, tentava aprender a profissão, observando Diego que, quando percebeu que ela estava atenta, propôs-se a ensinar-lhe algumas manobras, a troco de a moça juntar os bastões que, por vezes, caíam das mãos do malabarista. “Ensino você a atirar bolas, e não bastões! Dos bastões cuido eu. Combinado?”

Entretanto, Suzy não aprendeu a dominar as bolas. Em vez disso, passou a contar histórias – essa era a habilidade da moça, o que, talvez, fizesse inveja a escritores dos mais criativos. O público se dividiu, a parceria rendeu: enquanto alguns motoristas preferiam assistir à dança dos bastões, outros ora se emocionavam, ora se divertiam com as tramas.

Com o tempo, Diego já conseguia levar aos filhos, além de pão e leite, um quilo de carne, e Suzy, o dinheiro para os remédios do pai. Tudo ia bem, apesar de os sonhos ficarem empilhados, imóveis, até que a vida, de fato, lhes determinasse outra sorte. Ou não.

***

Diego e Suzy foram expulsos do farol, sob o protesto de um sem-número de motoristas, já afeitos ao espetáculo, às tramas. Os artistas passaram a gritar, em outro farol, garrafas de água e pipocas doces. Por vezes, reencontravam motoristas, amigos quase esquecidos, que lhes davam moedas, muitas, que iam juntado...